

País deve conseguir "spreads" de 1,25%

Dinda Elk
Silvio Ferraz

Correspondente

19 FEV 1986

Washington — As conversações sobre a renegociação da dívida externa brasileira começaram ontem em Nova Iorque com indícios de que o Brasil conseguirá a redução das comissões (**Spread**) para 1,25%, informou uma fonte do mercado financeiro norte-americano.

A tarefa do diretor da dívida externa do Banco Central e principal negociador brasileiro, Antônio de Pádua Seixas, está sendo facilitada, segundo a mesma fonte, pelo fato de o Brasil ser atualmente, entre os devedores, o único que mantém suas contas em dia. Este fato, aliado ao superávit na balança comercial e à situação precária dos demais devedores, está dando a Seixas os trunfos de que necessita para obter os termos pretendidos pelo governo brasileiro.

Em ritmo lento

A mesma fonte informou que o ritmo das conversações está um pouco mais lento do que supunha a delegação brasileira. A demora, em grande parte, tem sido porque alguns bancos estão insistindo em utilizar as suas próprias moedas nacionais nas operações com o Brasil. A delegação brasileira está na firme decisão de aceitar apenas o dólar como moeda de transação, sob a argumentação de que a diversidade de moedas causaria problemas de gestão da dívida sem qualquer vantagem.

Para os bancos espanhóis ou italianos, por exemplo, a utilização de pesetas ou libras, evitaria uma conversão para dólar, com economia para os banqueiros. Esta questão, igualmente, parece que será afastada sem maiores problemas, segundo a mesma fonte. A renegociação plurianual foi afastada da mesa de negociações e as conversas se centralizam nas dívidas que vencem ao longo deste ano e do próximo, apenas.

Igualmente ficou fora das discussões o pagamento das mal-sucedidas Operações 63 com o Comind, Auxiliar e Maisonnave. Até então, os banqueiros norte-americanos estavam insistindo em relacionar as discussões da renegociação com algum tipo de ressarcimento dos prejuízos que tiveram com os bancos brasileiros que sofreram intervenção. Isso foi igualmente afastado e os bancos estão agora tentando obter o reembolso de seus prejuízos em Brasília, atuando através de seus representantes no Brasil.

O diretor da Dívida Externa do Banco Central não tem perdido a oportunidade de realçar a performance externa da economia brasileira nas conversações com os banqueiros. Nisso, ele tem sido ajudado pelos fatos. A cada dia, chegam aos meios financeiros de Nova Iorque informações inquietantes sobre o comportamento das economias de outros devedores latino-americanos. Enquanto o Banco Interamericano de Desenvolvimento, por exemplo, estima que os prejuízos sofridos pelo México, por ocasião do terremoto que destruiu parte da cidade, estão avaliados em 34 bilhões de dólares, o preço do petróleo também provocará uma sangria considerável em suas receitas.